

Os conceitos de voyeurismo e exibicionismo

Voyeurismo é um termo de origem francesa (*voyeurisme*) cujo significado etimológico do radical voyeur é: “{fr. Lit. ‘o que vê’)... etim fr. Voyeur (1740) ‘pessoa que assiste a algo por curiosidade’, (1883) ‘pessoal que se excita ao ver a nudez ou o ato sexual de outrem’, der. De voir ‘ver’ (Houaiss & Villar, 2001, p. 2883)

Como pode ser observado, há uma importante diferença do significado atribuído à palavra voyeur se forem comparados os séculos XVIII e XIX. Nesse último século, houve uma maior especificação do termo ao restringi-lo à dimensão sexual. Esse último significado também foi sedimentado pelos estudos realizados posteriormente pela Psicanálise freudiana a respeito do fenômeno e perdura atualmente, conforme veremos a seguir na classificação psiquiátrica.

Porém, Houaiss & Villar, no item 2 referente à palavra voyeurismo, ampliam o seu significado, contemplando o sentido atribuído em 1740, em razão de não se restringir à dimensão sexual.

Voyeurismo

1 – Psicop. desordem sexual que consiste na observação de uma pessoa no ato de se despir, nua, ou realizando atos sexuais e que não se sabe observada; mixoscopia. 2 – p. ext. forma de curiosidade mórbida com relação ao que é privativo, privado ou íntimo [o v. invasor de alguns internautas]. (Houaiss & Villar, 2001, p. 2883)

Essa última definição adicionada ao item 1 da definição abaixo de exibicionismo mostra que ambas palavras bem como suas variantes, já estão sendo utilizadas no cotidiano com sentidos que extrapolam o âmbito sexual / científico e esbarram no linguajar pertencente ao senso comum.

Os termos exibicionismo e exibicionista segundo o dicionário etimológico Houaiss significam respectivamente:

Exibicionismo

1 – Mania de ostentação ou de exibição [muita gente se veste bem por puro exibicionismo] 2 – Psicopatologia: forma de perversão sexual que consiste em exibir a própria nudez, especialmente as partes sexuais. Etim.: exibição sob a f. rad. exhibicion + ismo, talvez por influência do fr. exhibitionisme (1866) “id”, ver – ib-. 1913 exibicionismo, 1913 exhibicionismo. (Houaiss & Villar, 2001, p. 1284)

Exibicionista

1 – que ou aquele que exerce o exibicionismo. 2- Psicopatologia – relativo a ou pessoa dada à prática do exibicionismo. Etim.: exibição retomado na f. exhibicion + ista, talvez por infl. do fr. exhibitioniste (1877) “id” ou do ingl. exhibitionist (1821) “id” ver –ib-; f. hist. 1912 exibicionista, 1913 exhibicionista. (Houaiss & Villar, 2001, p. 1284)

Os termos exibicionismo e exibicionista, como se vê, não apresentam diferenças de sentido etimológico atribuídas em épocas específicas, como aquelas encontradas na definição de voyeurismo.

No campo das ciências da psique, o exibicionismo também tem sido tratado predominantemente como uma forma de desvio sexual. A maior parte das referências bibliográficas, que não são muitas, a respeito de exibicionismo e voyeurismo, provêm da Psiquiatria e da Psicanálise. Do lado da Psiquiatria, encontramos uma maior preocupação em estabelecer critérios diagnósticos a fim de definir se indivíduos com comportamentos relacionados ao prazer de ver ou se exibir podem ou não ser enquadrados nas referidas psicopatologias.

O exibicionismo e o voyeurismo são classificados no Compêndio de Psiquiatria de Kaplan & Sadock como parafilias que significam, segundo o *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM-IV): “fantasias e anseios sexuais recorrentes, intensos e sexualmente excitantes que envolvem objetos não humanos, crianças ou pessoas sem consentimento, ou o sofrimento ou humilhação reais, próprios ou do parceiro” (Kaplan & Sadock, 1999, p. 1446).

No mesmo compêndio, também são encontrados os critérios diagnósticos para voyeurismo e exibicionismo, extraídos do DSM-IV, a seguir descritos, respectivamente:

Voyeurismo

A. Durante um período mínimo de 6 meses, fantasias sexualmente excitantes recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos

envolvendo o ato de observar uma pessoa que está nua, a se despir ou em atividade sexual, sem suspeitar que está sendo observada.

- B. As fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. (Kaplan & Sadock, 1999, p. 1454)

Exibicionismo

- A. Ao longo de um período mínimo de 6 meses, fantasias, anseios sexuais e comportamentos sexualmente excitantes recorrentes e intensos, envolvendo a exposição dos próprios genitais a um estranho insuspeito.
- B. As fantasias, anseios ou comportamentos sexuais causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. (Kaplan & Sadock, 1999, p. 1454)

O elemento essencial que podemos observar na classificação dessas psicopatologias é a dimensão sexual. Os atos de olhar e exhibir devem conter necessariamente os genitais como objeto de desejo.

Tal classificação está muito próxima dos critérios utilizados pelo psiquiatra Krafft-Ebing no final do século XIX para caracterizar o exibicionismo. Em seu livro *Psychopathia sexualis*, Krafft-Ebing registra vários casos de perversões, entre eles alguns de exibicionismo, mas nenhum caso típico de voyeurismo.

Para ilustrar, seguem-se trechos do caso nº 209 em que se encontram determinados sintomas próximos dos critérios diagnósticos anteriormente descritos.

X., 35 anos, assistente de barbeiro. Várias vezes punido por atentado ao pudor, foi novamente detido, pois, durante três semanas, andara rondado escolas de meninas, tentando atrair a atenção das alunas; quando conseguia, exhibia-se... Naquela época,¹ muitas vezes tinha de passar por um parque infantil e, às vezes, urinava ali; vez por outra as crianças o olhavam por curiosidade. Percebeu, por acaso, que ser olhado dessa maneira causava-lhe excitação sexual, induzia ereção e até ejaculação. Passou a ter mais prazer nesse tipo de satisfação sexual e tornou-se indiferente ao coito; satisfazia-se apenas dessa maneira. (Krafft-Ebing, 2001, p. 269/270)

Exposição dos genitais, constante recorrência desse comportamento, prazer intenso com o ato, problemas perante à lei e nas relações sociais são caracterís-

1 Krafft-Ebing refere-se a quando o paciente X tinha a idade de 21 anos.

ticas vistas no exemplo anterior que coincidem com os critérios diagnósticos do compêndio de psiquiatria de Kaplan e Sadock (1999).

Em relação ao voyeurismo, temos o seguinte exemplo registrado nos casos clínicos do DSM-IV. Resumidamente:

Um executivo de 25 anos de idade solicita uma consulta psiquiátrica em razão de sua necessidade repetida de espiar mulheres enquanto se despem ou engajam-se em atividade sexual. O paciente certa vez foi preso por esta atividade, e o departamento de pessoal de seu trabalho tomou conhecimento do fato. Ele recebeu o aviso de que o tratamento deste problema era obrigatório, e que perderia o emprego se o comportamento se repetisse. Ele não buscou assistência profissional e continuou engajando-se na atividade voyeurista... Ele possui um par de potentes binóculos e utiliza-os para espiar apartamentos vizinhos. Ocasionalmente, é recompensado por seus esforços, mas com maior frequência isso não ocorre. Depois, ele deixa seu apartamento e vai a telhados de grandes prédios de apartamentos, onde procura com seus binóculos até encontrar uma mulher despindo-se ou engajando-se em atividade sexual... Certa vez, ele foi posto para correr de um local escuro onde namorados se encontravam, por um homem furioso, brandindo uma chave de roda; em outra ocasião, foi descoberto enquanto espiava pela janela de um banheiro em uma área rural e escapou por pouco de ser morto a tiros. (Spitzer, 1996, p. 128)

Esse é o caso típico de voyeurismo tradicional, psicopatológico, pois preenche os critérios diagnósticos expostos anteriormente, entre eles: a pessoa observada pelo voyeur não sabe que está sendo vista; comportamentos voyeurs recorrentes, envolvendo mulheres nuas ou tendo relações sexuais; problemas nos relacionamentos sociais, inclusive com até risco de vida.

Na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1972) também destacou os elementos sexuais para a elaboração dos conceitos de voyeurismo e exibicionismo como tipos específicos de perversões sexuais. Considerava normal a presença dessas pulsões na sexualidade humana. O problema surgia em três hipóteses: quando essas pulsões se fixavam de maneira exclusiva à região genital; quando se ligavam a objetos repugnantes e deixavam de ser parte do conjunto de atos preliminares característicos de uma relação amorosa normal, isto é, tornavam-se mais importantes que o prazer sexual genital, podendo até mesmo substituí-lo:

... o prazer de ver [escopofilia] transforma-se em perversão (a) quando se restringe exclusivamente à genitália, (b) quando se liga à superação do asco (o voyeur -- espectador das funções excretórias), ou (c) quando su-

planta o alvo sexual normal, em vez de ser preparatório a ele. Este último é marcadamente o caso dos exibicionistas que, se posso deduzi-lo após diversas análises, exibem seus genitais para conseguir ver, em contrapartida, a genitália do outro. (Freud, 2002, p. 35)

Importante observar que no final dessa citação, Freud sugeriu a existência de uma significativa aproximação entre as pulsões exibicionista e escopofílica, comparando-as posteriormente com outro par de pulsões que, via de regra, sempre aparecem juntas. Essas pulsões são conhecidas como sadomasoquistas.

O que chamou a atenção de Freud para fazer essa comparação foi a presença, tanto em um par quanto noutro, das dimensões ativa e passiva que formavam um complexo indissociável. Em suas palavras:

Na perversão que aspira a olhar e ser olhado distingue-se um traço curiosíssimo, do qual nos ocuparemos ainda mais intensamente na aberração a ser examinada a seguir,² ou seja: nela, o alvo sexual apresenta-se numa configuração dupla, nas formas ativa e passiva. (Freud, 2002, p. 36)

As formas ativas e passivas referem-se aos comportamentos manifestos que caracterizam uma ou outra patologia, ou seja, a forma ativa qualificando o exibicionismo – sadismo e a passiva o voyeurismo – masoquismo.

Porém, segundo Freud, no âmbito do inconsciente o caráter mais evidente dos traços característicos de uma dessas perversões não exclui aquelas referentes ao de seu par oposto:

Sempre que se descobre no inconsciente uma pulsão desse tipo, passível de ser pareada com um oposto, em geral pode-se demonstrar que este último também é eficaz. Toda perversão “ativa”, portanto é acompanhada por sua contrapartida passiva: quem é exibicionista no inconsciente é também, ao mesmo tempo, voyeur; quem sofre as consequências das moções sádicas recalcadas encontra outro reforço para seu sintoma nas fontes da tendência masoquista”. (Freud, 2002, p. 45)

O conceito de pulsão é de suma importância e um dos mais complexos dentro da teoria psicanalítica. Existem inclusive algumas controvérsias em relação a sua tradução, pois, alguns tradutores preferem utilizar o termo “instinto”. Freud quis delimitar bem a aplicação do conceito de pulsão em relação a instinto justa-

2 Freud refere-se ao sadismo e masoquismo.

mente para diferenciar o primeiro conceito de algo que fosse inteiramente biológico, inato ou externo ao ser humano. Em suas palavras:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida de exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. (Freud, 2002, p. 46)

O instinto está ligado a dimensão biológica do ser e portanto tem uma relação mais direta com o estímulo. A pulsão, por outro lado, efetiva-se nas elaborações que o sistema anímico realiza diante de um determinado estímulo para, só assim, poder senti-lo como necessidade. É um conceito mais abrangente e complexo do que o conceito de instinto.

A exigência de trabalho feita à vida anímica pela pulsão tem uma dimensão simbólica mediada pela cultura, ou seja, em si mesma a pulsão não tem qualidade alguma.

Outra comparação feita por Freud entre o sadomasoquismo e voyeurismo-exibicionismo diz respeito à natureza dessas pulsões. Os dois pares são descritos como pulsões parciais, em razão de se originarem de fontes somáticas específicas, conhecidas como zonas erógenas, e se dirigirem a alvos distintos.

Não obstante, na escopofilia e no exibicionismo o olho corresponde a uma zona erógena; no caso da dor e da crueldade como componentes da pulsão sexual, é a pele que assume esse mesmo papel – a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se transmutou em mucosa, sendo assim a zona erógena [por excelência] (Freud, 2002, p. 47)

As pulsões parciais podem ser consideradas secundárias visto que são derivadas das pulsões primárias, Eros e Tanatos.³

3 Termos gregos utilizados pela psicanálise para designar respectivamente as pulsões de vida e morte na última teoria freudiana sobre as pulsões que substituiu a teoria das pulsões sexuais e de autoconservação.

Considerando a concepção freudiana de que o exibicionismo e voyeurismo são fenômenos indissociáveis, tentamos observar se existe realmente correlação entre essas duas pulsões mediante a aplicação das escalas de voyeurismo (V) e exibicionismo (E) nos sujeitos desta pesquisa.

Apesar de serem fenômenos distintos, de maneira semelhante a Freud penso que essas duas pulsões fazem parte de um mesmo complexo psíquico, que assim como dois pólos, ora se aproximam e ora se distanciam.

Deve-se também ponderar que, para Freud, perversão – entendida basicamente como um desvio da libido frente à meta genital – não significa necessariamente a manifestação de uma psicopatologia.

Nenhuma pessoa sadia, ao que parece, pode deixar de adicionar alguma coisa capaz de ser chamada de perversa ao objetivo sexual normal, e a universalidade desta conclusão é em si suficiente para mostrar quão inadequado é usar a palavra perversão como um termo de censura (Freud, 1972, p. 163)

Desta forma, a psicanálise evitou ao máximo estabelecer a fronteira entre o normal e o patológico. No entanto, Freud (2002, p. 39) menciona que determinados indivíduos têm alvos sexuais tão distantes da sexualidade normal que não poderiam deixar de ser considerados comportamentos patológicos, como: lambem excrementos, abusar de cadáveres e outras atividades envolvendo a superação da dor, vergonha e asco.

No caso do voyeurismo e exibicionismo, certamente a fronteira entre normalidade e patologia também é extremamente tênue, pois, a sublimação, representada pela apreciação e criação estética, também pode ser considerada fundamentada por tais pulsões:

A progressiva ocultação do corpo advinda com a civilização mantém desperta a curiosidade sexual, que ambiciona completar o objeto sexual através da revelação das partes ocultas, mas que pode ser desviada (“sublimada”) para a arte, caso se consiga afastar o interesse dos genitais e voltá-lo para a forma do corpo como um todo. (Freud, 2002, p. 35)

No rodapé desta mesma página, em nota de 1915, Freud acrescenta:

Parece-me indubitável que o conceito de “belo” enraíza-se na excitação sexual e, em sua origem, significava aquilo que estimula sexualmente. [Há no original uma alusão ao fato de que a palavra alemã “Reiz” é comumente usada no linguajar técnico como “estímulo” e, na linguagem

cotidiana, como “encanto” ou “atrativo”.] Relaciona-se a isso o fato de jamais podermos achar realmente “belos” os próprios genitais, cuja visão provoca a mais intensa excitação sexual. (Freud, 2002, p. 35)

Freud considerava que as pulsões sexuais inibidas em sua finalidade original estariam na base das criações e contemplações estéticas. Segundo ele, o responsável pela transformação e canalizações das pulsões sexuais em criações artísticas é o mecanismo psíquico da sublimação.

A sublimação, de maneira semelhante aos demais mecanismos de defesa – projeção, formação reativa e outros – decorre da repressão imposta às pulsões pelas regras de convivência estabelecidas pelos mais variados grupos ao longo da história a fim de que o prazer individual não prevalecesse sobre os interesses coletivos.

No entanto, a sublimação tem uma especificidade que a diferencia dos demais mecanismos, em razão de, segundo Freud, ser a grande responsável pelo desenvolvimento da civilização, isto é, da união de grupos dispersos em núcleos cada vez maiores mediante a formação de laços afetivos entre os indivíduos.

Sem a sublimação não haveria cultura e conseqüentemente não se formariam indivíduos, no sentido de um ser relativamente diferenciado dos demais e da própria natureza.

As pulsões voyeur e exibicionista presentes tanto na apreciação quanto na criação estética transformadas pela sublimação – entendida como um mecanismo psicológico específico em que a repressão social age em nível individual para transformar as pulsões cuja finalidade original era o prazer imediato e individual em algo a ser estendido no tempo e compartilhado socialmente – são essenciais para a formação humana.

Não obstante, há dúvidas em relação à parte final da citação anterior, quando Freud diz que jamais poderemos achar realmente belos os próprios genitais.

Os gregos, por exemplo, tiveram uma atitude diferente frente aos genitais que diferiu da maior parte dos povos civilizados. Nas diversas épocas que marcaram aquela civilização, o nu aparecia constantemente em estátuas, estatuetas e vasos, como objeto de beleza. A perfeição estava presente no próprio ser e assim era representada na arte. Conforme menciona Andresen:

O nu é uma invenção grega. No Egito, na Assíria, na Caldeia, o nu é apenas uma maneira de vestir. Mas o pensamento grego crê na Aletheia, crê no não-coberto, no não-oculto, procura o homem não-coberto, nu. Desde o início o escultor grego, fundamentalmente, coloca-se não em frente do homem vestido com armadura de guerreiro ou vestes de escravo, sacerdote ou príncipe mas em frente da nudez do homem em si. Porque crê que o ser está no mundo em que estamos... O corpo humano para o artista

grego não é um modelo mas um módulo. E é fenômeno em que o ser se manifesta, emerge e brilha. É ser, estar, aparecer. Por isso o canon de Policleto não é um código estético – não se trata de <<criar>> mas sim de <<descobrir>>. Não se trata de criar uma forma de beleza pois a beleza não é exterior àquilo que manifesta. Trata-se de decifrar a lei do corpo humano, e a proporção – a simetria – que esse corpo manifesta e que o insere na ordem do universo... E por isso falar do nu na arte grega é sempre falar da relação do homem com o divino. (Andresen, 1992, p. 13/14)

O nu era valorizado pelos gregos não apenas na arte, mas também no cotidiano e se apresentava com naturalidade em diversas atividades:

O nu grego, possivelmente ligado a ritos antiquíssimos, está fundado numa religião e numa atitude intelectual. Mas está também ligado à vida social, aos costumes, à vida quotidiana, ao ginásio, à palestra e aos Jogos. O homem grego não teme o nu. O nu é para ele simultaneamente natural e sagrado. Na vida quotidiana a mulher está fechada no gineceu, não toma parte dos Jogos, não lança o disco, não corre nua no estádio. Por isso o nu feminino aparece na arte relativamente tarde. Mas a educação física é um dos fundamentos da paideia, da educação dos jovens, e no ginásio e na palestra como nos Jogos os homens estão nus. O pintor e o escultor têm todos os dias diante dos olhos o tema das suas obras. (Andresen, 1992, p. 63)

Como se pode ver, no período arcaico grego, o nu feminino praticamente não aparece. Segundo Andresen, o nu feminino só aparecerá posteriormente. “A história do nu grego é a história do nu masculino. O nu feminino, salvo raras exceções, é helenístico e pré-helenístico.” (Andresen, 1992, p. 69).

Nesse sentido, a cultura grega mostrou uma maior tolerância frente ao nu se comparada a outras culturas que foram e continuam sendo marcadas por uma repressão mais intensa da nudez.

Na história da civilização, o corpo de uma maneira geral foi rechaçado das mais variadas formas, constituindo-se simultaneamente como objeto de encanto e repúdio em razão de seu potencial para proporcionar prazer e dor aos indivíduos. Para Horkheimer e Adorno:

O amor-ódio pelo corpo impregna toda a cultura moderna. O corpo se vê de novo escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo, desejado como o proibido, reificado, alienado. É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que

ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, “corpus”. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 217)

Não restam dúvidas que em épocas pretéritas, diante da fragilidade das organizações coletivas e da tênue separação existente entre homem e natureza, foi necessária uma forte repressão das pulsões para que a cultura pudesse se desenvolver. Porém, não significa que tal repressão deveria continuar com a mesma intensidade *ad infinitum*.

Diante do desenvolvimento material alcançado e do acúmulo de riqueza no mundo atual, todos os indivíduos já poderiam, pelo menos em termos objetivos, levar uma vida mais voltada ao prazer, isto é, um modo de vida em que Eros pudesse ter mais espaço para se desenvolver e se expressar.

A concepção de feiura dos genitais decorre principalmente dos tabus sexuais que a cultura precisou criar para conter os prazeres primários a que eles poderiam levar, estampando nos órgãos sexuais bem como no ânus uma imagem negativa. Não é por acaso ou naturalmente que eles são considerados feios esteticamente, mas sim em razão de toda uma história de repressão a que eles estiveram submetidos.

É certo também que sua função de excretar resíduos alimentares e o odor exalado também colaboraram para o asco frente a esses órgãos. Contudo, parece-me importante entender que a constituição das diversas formas de repugnância, fez com que os órgãos sexuais fossem considerados essencialmente como meio para se expelir substâncias orgânicas, desvinculados da obtenção do prazer sexual.

Relacionada com tais repugnâncias, está a cisão entre o prazer e a reprodução, que tem marcado a história da civilização. Ao destronar e reduzir o princípio do prazer a um mero apêndice, desvinculando-o do ato sexual direcionado à reprodução, a cultura desvalorizou a própria perpetuação da espécie.

Reduzida, a reprodução passou a se relacionar de forma mais acentuada com a auto-conservação – *Anake* – do que com o amor – *Eros*, e assim acabou por transfigurar o prazer sexual, modificando sua forma e direcionando-o para objetos distintos daquele em que a reprodução se efetuava.

Podemos citar como exemplo, as diversas formas de perversão, como os fetiches sexuais ou determinados comportamentos, como a frenética busca por prostitutas.

No caso da mulher, a repressão foi mais forte e proporcionou poucos espaços para o deslocamento da libido. Claro que nos dias atuais, com as conquistas do movimento feminista, esse espaço, pelo menos no ocidente, tem aumentado. No entanto, com a falta de uma autêntica liberdade sexual, a cisão tem se mantido.

Uma das raras tentativas históricas de se restaurar essa união entre *Eros* e *Anake* foi apresentada pelo romantismo burguês que, no entanto, acabou sendo frustrada pelo processo de desencantamento presente no mundo esclarecido.

Ao se referirem à obra de Sade, intitulada *História de Juliete*, Horkheimer e Adorno mencionam que, mesmo entre os libertinos que realizavam os mais ousados tipos de orgias sexuais, a separação entre atração sexual e ternura acaba sendo falsa.

Apesar de toda a libertinagem, os amigos de Juliette atribuem à sexualidade em oposição à ternura, ao amor terreno em oposição ao celestial, não apenas um poder um pouquinho excessivo, mas também um caráter excessivamente inócuo. A beleza do colo e torneado dos quadris agem sobre a sexualidade não como fatos a-históricos, puramente naturais, mas como imagens que encerram toda a experiência social. Nesta experiência está viva a intenção de algo diverso da natureza, o amor não limitado ao sexo. Mas a ternura, até mesmo a mais incorpórea, é a sexualidade metamorfoseada. A mão acariciando os cabelos e o beijo na fronte, que exprimem o desvario do amor espiritual, são formas apaziguadas de golpes e mordidas que acompanham, por exemplo, o ato sexual dos selvagens australianos. A separação é abstrata. (Horkheimer e Adorno, 1985, p. 103)

Em outras palavras, a atração sexual que aparenta ser natural, puramente instintiva, revela de maneira simultânea um conjunto de experiências históricas que permitiram com que a beleza do colo e o torneado dos quadris se constituíssem como objetos de investimento libidinal.

Por outro lado, a delicadeza de certos atos como o beijo fraternal e o toque carinhoso característicos das relações afetuosas em que o sexo não é permitido, trazem consigo a presença de elementos sexuais atenuados, relacionados a uma dimensão mais primitiva do homem.

Assim, podemos considerar um tipo de idealismo a dicotomia entre sexo e afeto realizada pela cultura, mas que não deixa de exercer profundos efeitos na subjetividade dos indivíduos, em razão de criar dificuldades para expressão simultânea do amor ternura (Ágape) e o amor sexual (Eros) frente a um mesmo objeto.

